

V.21 nº46 (2025)

REVISTA DA
**AN
PE
GE**

ISSN 1679-768X

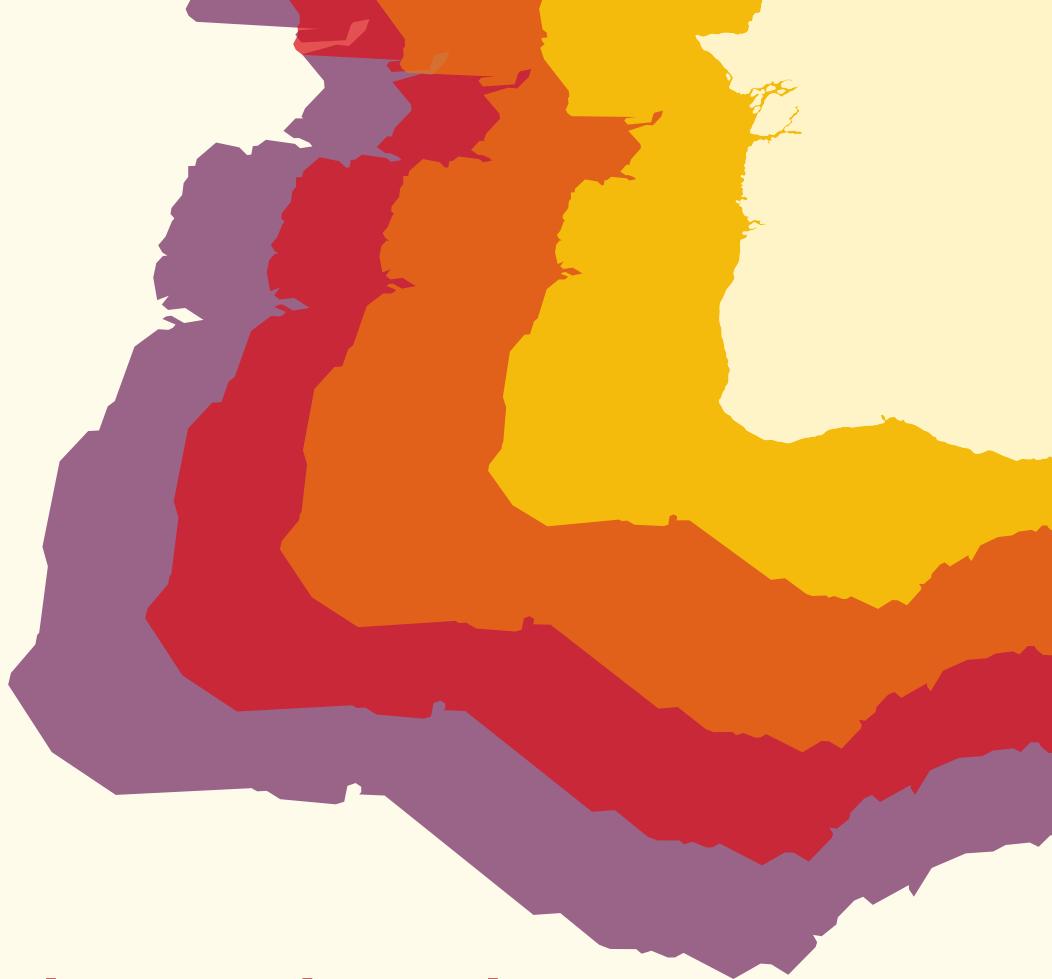
a

ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia

REVISTA DA

AN PE GE



Um panorama dos estudos sobre o território e a sociedade do Maranhão no período do saber geográfico brasileiro (1613 -1930)

An overview of studies on the territory and society of Maranhão in the period of brazilian geographical knowledge (1613 -1930)

Un panorama de los estudios sobre el territorio y la sociedad de Maranhão en el período del conocimiento geográfico brasileño (1613-1930)

DOI: 10.5418/ra2025.v21i46.18111

LIVIA CANGIANO ANTIPON

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

CRISTIANO NUNES ALVES

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

V.21 n°46 (2025)

e-issn : 1679-768X

RESUMO: Neste artigo apresentamos um panorama da produção bibliográfica desenvolvida entre 1613 e 1930 em torno do debate sobre a sociedade e o território maranhenses. Para tanto, consideramos as articulações entre as dinâmicas da formação socioespacial brasileira e as distintas situações geográficas do Maranhão, em um período que reconhecemos ser do saber geográfico brasileiro, anterior à institucionalização da geografia nacional. Por meio da busca em acervos físicos e virtuais de instituições e universidades brasileiras, observamos que o estado da arte se divide em subperíodos reveladores: (i) de espessuras do saber geográfico maranhense (1613-1900) associadas a um conhecimento inicial do seu território e da sua sociedade, em especial a partir de relatórios e inventários administrativos; (ii) do adensamento deste saber (1901-1930), com aumento das produções, sobretudo escritas por sujeitos do próprio estado.

Palavras-chave: território; sociedade; Maranhão.

ABSTRACT: In this article, we present an overview of the bibliographical production carried out between 1613 and 1930 around the debate on Maranhão's society and territory. To do so, we consider the links between the dynamics of Brazilian socio-spatial formation and the different geographical situations of Maranhão, in a period that we recognize as being a period of Brazilian geographical knowledge, prior to the institutionalization of national geography. Through a search of physical and virtual collections of Brazilian institutions and universities, we observed subperiods that reveal: (i) the thickness of Maranhão's geographical knowledge (1613 - 1900) associated with an initial knowledge of its territory and society, especially from administrative reports and inventories; (ii) the densification of this knowledge (1901 - 1930), with an increase in productions, especially those authored by subjects from the state itself.

Keywords: territory; society; Maranhão.



RESUMEN: En este artículo presentamos una panorámica de la producción bibliográfica desarrollada entre 1613 y 1930 en torno al debate sobre la sociedad y el territorio de Maranhão. Para ello, consideramos los vínculos entre la dinámica de la formación socioespacial brasileña y las diferentes situaciones geográficas del Maranhão, en un período que reconocemos como del conocimiento geográfico brasileño, anterior a la institucionalización de la geografía nacional. Buscando en las colecciones físicas y virtuales de instituciones y universidades brasileñas, observamos que el estado del arte se divide en subperíodos reveladores: (i) el espesor del conocimiento geográfico de Maranhão (1613-1900) asociado a un conocimiento inicial de su territorio y sociedad, especialmente a partir de informes administrativos e inventarios; (ii) la densificación de este conocimiento (1901-1930), con un aumento de las producciones, especialmente escritas por sujetos del propio estado.

Palabras clave: territorio; sociedad; Maranhão.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar um panorama da produção e da circulação do conhecimento sobre os aspectos humanos do território e da sociedade do Maranhão, considerando a articulação entre as dinâmicas da *formação socioespacial* (Santos, 1977) brasileira e dos contextos maranhenses, constituindo uma série de *situações geográficas* (Silveira, 1999) tecidas ao longo do que denominamos *período do saber geográfico brasileiro*. Buscamos assim destacar a noção de saber, entendida enquanto substância da experiência humana nos lugares (Ribeiro, 2013), movimentando a geografia antes de esta se tornar um conhecimento científico propriamente dito no país.

Caracterizado pela publicação de uma série de descrições, narrativas e interpretações acerca do território e da sociedade no Brasil, tal *período do saber geográfico* compreenderia desde o início do processo colonial português nas terras que viriam a constituir o país, até os anos 1930, contexto de institucionalização da geografia enquanto ciência.

Esse período coincidiria com o que Santos e Silveira (2001, p. 253) chamam de “passado longo e sua herança” – ínterim marcado pelo baixo componente técnico do território brasileiro e sua superação, com um primeiro momento de mecanização no país, iniciado em meados do século XIX.

O rebatimento dessas variáveis no Maranhão durante esse extenso período se caracterizaria por distintas frentes de ocupação territorial, dinamizadas com base em uma economia exportadora de

produtos primários (tais quais babaçu e algodão), implicando na afirmação periférica maranhense em relação à formação socioespacial brasileira (Corrêa, 1976; Cabral, 1992; Trovão, 2008). Não por acaso o processo de institucionalização da geografia aportaria no Maranhão com uma diferença de quase vinte anos – intervalo entre a criação do primeiro curso de geografia do Brasil, na Universidade de São Paulo (USP), no ano de 1934, e a instalação do curso de geografia na UFMA, em 1953.

Pensando operacionalmente, a importância deste estudo reside, entre outras razões, na lacuna referente à sistematização sobre o debate em torno do território e da sociedade do Maranhão; o último trabalho com esse objetivo foi publicado em 1954, por Domingos Vieira Filho.

Metodologicamente, trabalhamos em três etapas. Na primeira, entre 2017 e 2022, realizamos um levantamento bibliográfico circunstaciado, orientando as buscas das referências por (i) palavras-chave; (ii) temas centrais de nossas pesquisas em andamento; (iii) tempo histórico; e (iv) autores. Essa busca ocorreu em arquivos físicos e digitais de bibliotecas, órgãos de fomento à pesquisa e acervos de instituições de ensino e pesquisa dos seguintes estados: Maranhão, Ceará, Pernambuco, Pará, São Paulo e Rio de Janeiro. Na segunda etapa de trabalho nos debruçamos nas digitalizações de algumas obras e nas leituras (inclusive de comentadores) e sistematização de boa parte encontrada – um total de 786 títulos, os quais extrapolam o período histórico aqui apresentado. Por fim, a última etapa consistiu na elaboração de um panorama das obras por meio da construção de quadros-sínteses organizados por temas, tempo histórico e autoria, desde o século XVII ao período contemporâneo.

Apresentamos neste texto apenas um período pesquisado (de 1613 até 1930) e o dividimos em duas partes. Na primeira, tratamos das espessuras fundadoras do saber geográfico maranhense (século XVII) até o que se denomina Etapa Novecentista da Geografia e como ela se desenvolve no Maranhão. Já na segunda parte descrevemos o que consideramos ser um primeiro adensamento do saber geográfico no estado, em um período que vai de 1901 a 1930, contando com as contribuições de pensadores e pensadoras maranhenses em sua maioria, mas também com olhares de fora do estado e do país, ainda que pouco expressivos.

Desse modo, o estado da arte cumpre a função de apresentar um panorama desde os primórdios das produções acerca do território e da sociedade maranhenses até um primeiro adensamento de obras, em uma etapa que antecede a institucionalização da geografia no Brasil e, consequentemente, a consolidação de um pensamento geográfico nacional.

DAS ESPESSURAS FUNDADORAS DO SABER GEOGRÁFICO À ETAPA NOVECENTISTA NO MARANHÃO (SÉCULOS XVII- XIX): UMA GEOGRAFIA A SER REVELADA

Sobressai com a ocupação violenta dos portugueses no processo de colonização – com o desígnio do poder sobre as novas terras e suas gentes – um movimento essencial ao delineamento e à imposição de uma nova formação socioespacial (Santos, 1977): os relatos de viajantes, cronistas e naturalistas sobre o espaço ocupado. Tais primeiros escritos a serviço da empresa colonial buscaram apreender os saberes geográficos dos “habitantes locais” (Moreira, 2014) como forma de entender os significados e as formas de uma nação ainda em ensaio.

Nesse viés, pondera Campos (2011), se por um lado pode-se considerar a *Carta de Pero Vaz de Caminha* um relato fundador do modo de vida de coletivos humanos no chamado “espaço tupi”, por outro, deve-se ressaltar a importância de textos-base, focados na busca do entendimento da realidade dos novos territórios ocupados.

No que diz respeito aos estudos pioneiros acerca de aspectos geográficos do Brasil, Moreira (2014) propõe uma classificação em dois grupos. O primeiro seria formado por narrativas abordando as relações entre o ser humano e a natureza, descrevendo os modos de vida, hábitos e costumes indígenas – contexto no qual se posicionam, entre outros, (i) Hans Staden com a obra *Duas Viagens ao Brasil* (1557); (ii) André Thevet e o texto *As Singularidades da França Antártica* (1557); e (iii) Jean de Léry e a obra *Viagem à Terra do Brasil* (1578).

Já o segundo grupo seria composto por obras abordando os conflitos concernentes à ocupação da terra do “outro”. Nesse viés estão os relatórios administrativos encomendados por órgãos governamentais e/ou corporativos com foco em áreas econômicas, situando-se as espessuras fundadoras do saber geográfico sobre o Maranhão. Assim, no século XVII – em um momento de inflexão (Moreira, 2014) do saber geográfico no Brasil, caracterizado pelo crescente interesse dos naturalistas europeus pela flora e fauna do país – surgiram os primeiros relatos sistematizados sobre o Maranhão. Segundo nosso levantamento (Quadro 1), seis obras foram escritas por religiosos, políticos e militares oriundos de distintos países europeus.

Tipologia	Relatos de missões/Relatórios encomendados por órgãos governamentais			
Espessura de obras				
Ano/periodo	Autor (a)(s)	Formação /ocupação	Origem	Título/temática
1613	Claude D'Abbeville	Religioso	França	<i>História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão...</i>
1615	Yves D'Evreux	Religioso	França	<i>Suite de l'histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan...</i>
1624	Simão Estácio da Silveira	Político	Portugal	<i>Relação Sumária das Cousas do Maranhão</i>
Entre 1624 e 1627?	Cristovão de Lisboa	Religioso	Portugal	<i>História dos animais e árvores do Maranhão</i>
Segunda metade do Século	Gedeon Morris de Jonge	Militar	Holanda	Descrição de São Luís (aspectos bélicos, populacionais e econômicos)
Anos 1660?	João Felipe Bettendorff	Religioso	Luxemburgo	<i>Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão</i>

Quadro 1: Período do saber geográfico, séc. XVII – Espessuras fundadoras do pensamento geográfico maranhense

Fonte: elaboração própria, 2022.

Destacam-se os relatos dos frades franceses Claude D'Abbeville (1613) e Yves D'Evreux (1615), assim como um dos primeiros relatos sistematizados acerca do Maranhão: trata-se de uma descrição de São Luís encomendada pela Companhia Holandesa da Índias ocidentais, abordando aspectos bélicos, populacionais e econômicos da urbe maranhense, escrita proximamente na segunda metade do século XVII pelo militar holandês Gedeon Morris de Jonge (Tavares, 2012). Também encomendada, todavia pelo governo português, se situaria a *Relação Sumária das Cousas do Maranhão* (1624 apud BORRALHO, 2005), reporte do juiz da primeira câmara de São Luís, Simão Estácio da Silveira, com a intenção de atrair colonos portugueses para terras maranhenses.

Ainda nesse sentido, avulta a obra do Lusitano Frei Cristóvão de Lisboa, escrita provavelmente entre 1624 e 1627, intitulada *História dos animais e árvores do Maranhão* – “um manancial de saberes a respeito da natureza que as populações autóctones detinham antes da chegada dos europeus ao território brasileiro” (Albuquerque; Buecke, 2020, p. 9). Por fim, destaca-se o Padre de Luxemburgo, João Felipe Bettendorff, com sua *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão*, escrita nos anos 1660, contendo uma série de relatos sobre o cotidiano dos povos nativos.

Já ao longo do século XVIII apenas algumas obras esparsas tratando do Maranhão seriam publicadas, invariavelmente revelando o interesse português em aspectos ligados à administração da capitania, caso esse de *Annaes históricos do estado do Maranhão*, publicado por Bernardo Pereira de Berredo no ano de 1749 em Lisboa.

Desde o último quartel do século XVIII, à medida que o Maranhão se integrava ao sistema econômico de comércio mundial (Lopes, 2013) com a produção e exportação do algodão, se

aprofundavam os relatos, documentos e inventários concernentes especialmente à necessidade de obter trabalho escravo para suprir demandas econômicas.

Tal processo resultaria, com a chegada do século XIX – marcado pela transferência da corte portuguesa para o Brasil e pela abertura dos portos (Andrade, 1974), entre outros acontecimentos – na chamada “Etapa Novecentista” (Moreira, 2014), um momento de adensamento de obras e instituições dinamizadas em torno do saber geográfico sobre o país.

Ocorridos na primeira metade do século XIX, alguns eventos merecem destaque. Se em 1817 seria lançada a *Corográfica Brasílica*, de Manuel Aires de Casal – segundo Campos (2011), uma das obras pioneiras da geografia nacional –, somente no ano de 1832 a geografia se tornaria parte do currículo no sistema escolar brasileiro, tornando-se disciplina autônoma com a criação no Rio de Janeiro do Imperial Colégio de Pedro II, em 1837. No ano seguinte, também na antiga capital federal, seria criado o primeiro órgão geográfico de pesquisa do país, o Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro (IHGB), responsável por conferir unidade a uma então dispersa produção de saberes geográficos.

Igualmente subsidiando esse adensamento do saber geográfico em escala nacional, observa-se uma profusão de missões governamentais¹, conforme Ruy Moreira (2014), influenciadas pelas ideias de Alexander Humboldt, em *Geografia das Plantas* (1807), e de Friedrich Schelling, em *Filosofia da natureza* (1806). Nesse escopo se enquadraria a obra *Viagem pelo norte do Brasil – 1817-1820*, dos alemães Johann Spix e Carl Martius (1828), reveladora, entre outros aspectos, do proeminente caráter urbano de São Luís à época.

Tal processo implicaria em um maior volume de obras sobre o Maranhão, refletindo a necessidade de detalhar mais esse território. O estado da arte a esse respeito (Quadro 2) indica quatorze obras publicadas em um contexto de também considerável circulação de informações no estado – fato revelado, entre outros indícios, pelas dezenas de jornais maranhenses no século XIX, tais quais *O Porvir*, *O Corisco*, *O Democrata*, *Civilização* e *A Cigarra* (Borralho, 2009).

¹**Notas**

Resultaram dessas missões importantes obras sobre o Brasil, tal qual a *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* (FLORENCE, 1977 [1848]).

Formação socioespacial					
Adensamento inicial do saber geográfico (produção científica e instituições)					
Contexto Maranhense					
Uma geografia a ser detalhada					
Espessura de obras (livros)					
Ano	Autor (a)s	Formação /ocupação	Origem	Título	Temática/Tipologia
1828	Johann Spix (1781-1826)	Zoólogo	Alemanha	<i>Viagem pelo norte do Brasil – 1817-1820</i>	- Relatos de regiões brasileiras compreendendo também o Maranhão
	Carl Martius (1794-1868)	Botânico			
1818	Raimundo José Gaioso	Militar	Argentina Portugal	<i>Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão</i>	- Economia política da capitania
1810	Sebastião Gomes da Silva Berford (1781-1825)	Militar	Maranhão	<i>Roteiro e mappa da viagem da cidade de S. Luiz do Maranhão até a corte do Rio de Janeiro</i>	- Ocupação do sul maranhense
1848	Francisco de Paula Ribeiro	Militar	Portugal	<i>Roteiro da viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão</i>	
1852	Cândido Mendes de Almeida (1818-1881)	Jurista e jornalista	Rio de Janeiro/ Maranhão	<i>A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as províncias do Maranhão e de Goiás</i>	
1870	César Augusto Marques (1826-1900)	Médico e historiador	Maranhão	<i>Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão</i>	- Inventário espaço-temporal acerca do estado
1870	Augusto Sacramento Blake (1827-1903)	Médico e historiador	Bahia	<i>Diccionario Bibliographico Brasileiro</i>	- Inventário nacional abordando, entre outros, o Maranhão
1875	Antônio Augusto Rodrigues			<i>Lições de Geografia</i>	
1897	José Ribeiro do Amaral	Geógrafo e historiador	Maranhão	<i>O estado do Maranhão em 1896</i>	- Inventário do estado - Publicado em São Luis.

Quadro 2: O estado da arte sobre a sociedade e o território do Maranhão – etapa novecentista

Fonte: elaboração própria, 2022.

Vale frisar o livro lançado em 1818 pelo estudioso português Raimundo Gaioso, intitulado *Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão*, uma reunião de “importantes notícias acerca da agricultura e comércio” estaduais (Basílio, 2018, p. 24), a partir de uma leitura da economia política da então capitania.

Destacam-se também três livros abordando a ocupação do sul do Maranhão. Enquanto dois deles são roteiros de viagem organizados por militares memorialistas (Pachêco Filho, 2011) – um lançado em 1810 pelo maranhense Sebastião Gomes da Silva Berford, e outro em 1848 pelo português Francisco de Paula Ribeiro –, um terceiro livro, publicado em 1852, é de autoria do jurista e jornalista carioca radicado no Maranhão, Cândido Mendes de Almeida.

Na metade do século XIX ocorre um momento decisivo para a formação socioespacial brasileira (Santos, 1977), pautada no impulso à mecanização da produção e posteriormente do território (Santos; Silveira, 2001). Nesse contexto o café, ao induzir o desenvolvimento urbano do sudeste brasileiro, ensejaria a “gênese da concentração produtiva e populacional” (MORAES, 2011 p. 116) característica do país.

No que tange ao território e à sociedade maranhenses de então, houve maior incremento e concentração econômica, especialmente entre 1850 e 1870, com o comércio voltado à produção e expansão das culturas de cana-de-açúcar, a exportação açucareira, obras de modernização em São Luís e a implantação de engenhos pelo interior do estado (Lopes, 2013). Esse período antecede a crise do sistema agroexportador e a decadência da lavoura e do comércio do estado, e tem como traço característico a escravidão marcando “os diferentes estilos urbanos de vida e as percepções sobre a cidade no Maranhão” (Gato, 2019, p. 225).

Seria justamente no final desse período, em 1870, que o Maranhão voltaria a ter lugar em publicações científicas, figurando em dois dicionários. Um deles, intitulado *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, do médico e historiador baiano Augusto Blake, além de abordar o país como um todo traria também aspectos gerais do território maranhense. O outro, de autoria do maranhense César Marques e intitulado *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*, apresentaria um detalhado inventário espaço-temporal do estado, enfocando aspectos do seu governo, comércio e de sua estrutura urbana.

Em 1875 seria lançado o livro de Antônio Augusto Rodrigues, intitulado *Lições de Geografia*, contendo em uma de suas seções um inventário de dados e informações sobre o estado. Mais tarde observar-se-ia a publicação de dois relatos de viagem do inglês John Wells, lançados respectivamente em 1876 e 1886, tratando de diversos lugares do país, inclusive o Maranhão.

Ainda no último quartel do século XIX, enquanto no ano de 1883 seria criada, no Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Geografia, em São Luís, em 1887, se instituiria a *Revista Maranhense*, periódico abrangendo as esferas cultural, social e científica da época. Quiçá um dos primeiros eventos de vulto no campo da evolução do saber geográfico sobre o estado, a fundação da revista incitou o despertar “para o interesse e importância da ciência e da educação como fator transformador da sociedade” (Medeiros, 2001, p. 3).

A Etapa Novecentista no Maranhão se encerra em 1897, com a obra do catedrático ludovicense José Ribeiro do Amaral, um compêndio de dados chamado *O Estado do Maranhão em 1896*, sendo a primeira publicação ligada ao saber geográfico maranhense lançada no próprio estado, pela Typographia Frias.

Assim, um conjunto de espessuras antecede o adensamento do saber geográfico no Maranhão, processo iniciado no século XX e abordado a seguir.

UM PRIMEIRO ADENSAMENTO DO SABER GEOGRÁFICO NO MARANHÃO (1901-1930): A CONTRIBUIÇÃO PREDOMINANTE DOS ESTUDIOSOS MARANHENSES

Com a chegada do século XX, o Brasil adentra o que Santos e Silveira (2001, p. 251) denominam “dinâmica de um país que se industrializa”, contexto no qual o eixo Rio-São Paulo acumularia o capital da produção industrial, enquanto caberia ao Maranhão se inserir subalternamente na divisão técnica e territorial do trabalho nacional, fornecendo, entre outras commodities, arroz para o Sul-Sudeste do país (Maluf, 1977).

No campo do pensamento geográfico no Brasil, as duas primeiras décadas do século XX se caracterizam por: (i) relatórios técnicos fornecendo elementos para análises espaciais, tal qual aquele elaborado pelo engenheiro Palmério Cantanhêde (1902), propondo medidas de saneamento para São Luís; (ii) obras antecipando a geografia sistematizada, como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, lançado em 1902, e *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, de Capistrano de Abreu, lançado em 1904 e incluindo trechos sobre a ocupação do interior maranhense.

Nesse momento ainda foram lançadas obras-chave da geografia sistematizada, por nomes como Delgado de Carvalho, dedicado desde a geografia física até a geografia política, e Agamenon Magalhães, analisando nuances da sociedade nordestina.

É nesse escopo que se assentam as primeiras obras de caráter geográfico organizadas a partir do Maranhão (Quadro 3), escritas por catorze estudiosos nascidos no estado, sendo eles os médicos Justo Jansen Ferreira, natural de Caxias, e Nina Rodrigues, natural de Vargem Grande; os irmãos nascidos na cidade de Viana, Raimundo e Antônio Lopes da Cunha; o ludovicense Antônio Baptista Barbosa de Godóis; os irmãos naturais de Riachão, João Parsondas de Carvalho e Carlota Carvalho – a primeira mulher a compor o estado da arte em tela; Clarindo Santiago, José Amaral e João Sousa Machado, com contribuições abrangendo investigações sobre o Maranhão em sua totalidade; bem como Domingos de Castro Perdigão e José Dunshee Abranches; e, por fim, o escritor e jornalista ludovicense, José do Nascimento Moraes.

Formação socioespacial					
- Relatórios técnicos					
- Obras antecipando a geografia sistematizada/obras de geografia sistematizada					
Contexto Maranhense					
- Um primeiro adensamento do saber geográfico no Maranhão					
- Fundação do Instituto Histórico Geográfico do Maranhão (IHGM)					
Espessura de obras – a contribuição dos maranhenses					
Ano	Autor (a)s	Formação /ocupação	Origem	Título	Temática/Tipologia
1901				<i>Fragmentos para a corografia do Maranhão</i>	
1903				<i>O Ensino de geografia</i>	
1904				<i>A propósito da carta geográfica do Maranhão</i>	
1910				<i>Geographia Médica e Climatologia do Estado do Maranhão</i>	
1912	Justo Jansen Ferreira (1864-1930)	Médico e geógrafo	Caxias	<i>Carta Geográfica da Ilha de São Luís do Maranhão</i>	
1913				<i>Contribuição para a História e Geografia do Estado do Maranhão</i>	
1927				<i>A viação férrea e o Maranhão</i>	
1915	J. Nascimento Moraes (1882-1958)	Escritor e jornalista	São Luís	<i>Vencidos e degenerados</i>	- Obra essencial para compreender a violência contra os povos negros por meio da escravidão
1900	Nina Rodrigues (1862-1906)	Médico e antropólogo	Vargem Grande	<i>O animismo fetichista dos negros baianos</i>	- Obras fundadoras no campo dos estudos negros no Brasil
1905				<i>Os Africanos no Brasil</i>	- Tese da inferioridade racial
1918	Antônio Lopes da Cunha (1889-1950)	Advogado	Viana	<i>Pro urbe nostra</i>	- Artigos sobre São Luís publicados em periódicos locais
1926	Raimundo Lopes da Cunha (1894-1941)	Geógrafo	Viana	<i>O Torrão Maranhense</i>	- Amplio panorama do Maranhão (composição étnica do estado, clima e ocupação urbana, cartografia)
1904	Antônio Baptista Barbosa de Godóis (1860-1923)	Advogado e historiador	São Luís	<i>História do Maranhão</i>	- Livro de dois volumes tratando do Maranhão colônia, província e estado.
1903	João Parsons das Carvalho (1895-1926)	Advogado e jornalista	Riachão	<i>A Amazônia: do Gurupi aos Balsas</i>	- Artigo sobre ocupação do sul do Maranhão
1924	Carlota Carvalho (1866?)	Catedrática e geógrafa	Riachão	<i>O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil</i>	- Referência sobre o tema
1902	Palmério de Carvalho Cantanhede	Engenheiro		<i>Saneamento das cidades e sua aplicação à Capital do Maranhão</i>	- Relatório técnico de governo
1918	Domingos de Castro Perdigão			<i>O que se deve comer: adaptação do sistema de alimentação vegetariana para uso dos brasileiros</i>	- Estudos alimentares no Maranhão
1926	José Abranches Moura			<i>A Ilha de São Luís</i>	- Análise de mapa da cidade
1928	Clarindo Santiago			<i>Rumo ao sertão. As rodovias maranhenses...</i>	- Integração do estado
1919	José R. do Amaral (1853-1927)	Historiador	São Luís	<i>Limites do Maranhão com o Piauí ou a Questão da Tutóia</i>	- Limites estaduais do Maranhão
1926	João N. Sousa Machado			<i>A vida nos municípios maranhenses</i>	- Dados históricos, geográficos, culturais
1906	J. Dunshee Abranches (1867-1941)	Jornalista		<i>República des Etats-Unis du Brésil - Maranhão et ses richesses</i>	- Colaborador nos meios de informação em diversos estados
Espessura de obras – a contribuição dos não maranhenses					
1900	João Pereira Caldas	Militar		<i>Roteiro do Maranhão a Goiás pela capitania do Piauí</i>	- Ocupação do sul do Maranhão
1910	Paul Walle (1852-1950)	Geógrafo	França	<i>Au Brésil - Du São Francisco à l'Amazone</i>	- Modo de vida e toponímia no Maranhão
1922	Fran Paxeco	Geógrafo	Portugal	<i>Geografia do Maranhão</i>	
1925				<i>Mineral Resources of Maranhão</i>	
1926	E. Shaw, J. Darnell e W. Wright	Geólogos	Estados Unidos	<i>A frontier region in Brazil - Southwestern Maranhão</i>	- Levantamentos sobre recursos minerais do estado publicados em periódicos estadunidenses

Quadro 3: Período do saber geográfico (1900-1930)

Fonte: elaboração própria, 2022

O primeiro deles, doutor Jansen, atuou ainda como professor de geografia e foi tributário da perspectiva regional de influência francesa. Sócio correspondente, entre outros, da Sociedade de Geografia de Lisboa, foi o autor de uma série obras, tais quais: *Fragmentos para a corografia do Maranhão* (1901), *O ensino de geografia* (1903), *A propósito da carta geográfica do Maranhão* (1904), *Geografia Médica e Climatologia do estado do Maranhão* (1909), *Carta Geográfica da Ilha de São Luís* (1912), *Carta Geográfica do Maranhão* (1912), *Contribuição para a História e Geografia do estado do Maranhão* (1913) e *A viação férrea e o Maranhão* (1927).

O outro médico em questão e também antropólogo, Nina Rodrigues, foi pioneiro dos estudos acerca dos povos negros no Brasil. Controverso, aderiu à tese da inferioridade racial africana (Rodrigues, 2015) e, portanto, representou no início do século XX o movimento de hierarquização racial que ocorria em São Luís desde 1850². O pesquisador publicou livros como *O animismo*

² Para Gato (2019, p. 234), o movimento de hierarquização social em São Luís a partir de 1850 foi cada vez mais tensionado “pela crise econômica do sistema agroexportador do algodão e da cana-de-açúcar, a baixa influência das elites políticas maranhenses nos destinos do Estado Nacional e a preponderância demográfica de uma

fetichista dos negros baianos (1900), uma das obras fundadoras do campo da antropologia das religiões afro no país, e *Os Africanos no Brasil* (1905), abordando temas como os lugares de origem, as revoltas, religiões, línguas e festas negras.

Contrapondo-se às teses de inferioridade racial, tem-se o pensador negro José do Nascimento de Moraes, autor da obra seminal intitulada *Vencidos e Degenerados* (1915) “Uma interpretação das consequências sociais e políticas do fim da escravidão na periferia do Brasil” trazendo “Personagens e ações organizados numa São Luís impregnada pelo sentimento de decadência e pelas frustrações de uma época na qual os direitos conquistados com a abolição da escravidão foram limitados pela reestruturação de hierarquias econômicas e sociais no novo ambiente político da recém-proclamada República.” (Gato, 2022, p. 533).

Por sua vez, tendo morado em São Luís e no Rio de Janeiro, o intelectual maranhense Raimundo Lopes da Cunha foi membro de diversas instituições nacionais, como o Museu Nacional e a Sociedade Brasileira de Geografia (Lopes; Rodrigues; Silva, 2017), produzindo uma vasta e importante obra. No contexto em voga, publicaria *O Torrão Maranhense* no ano de 1916, integrando distintas variáveis territoriais. Observa-se nesse livro a influência das ideias de Friedrich Ratzel, Emmanuel de Martonne e Euclides da Cunha (Corrêa, 2003). Assim, amparado no recurso à cartografia, o autor propõe um amplo panorama do Maranhão, versando sobre questões como a composição étnica do estado, seu clima e sua ocupação urbana. Para tanto, organiza a obra em duas partes: uma visão geral, enfocando o meio físico e a sociedade maranhenses, e outra a partir de uma análise da geografia regional, detendo-se em aspectos específicos das distintas regiões do estado.

Já Antônio Lopes da Cunha, advogado formado no Recife e fundador da Faculdade de Direito de São Luís, merece menção, entre outros motivos, pela sua contribuição geográfica na análise da estrutura urbana ludovicense, publicando textos sobre a temática em veículos locais (Lopes da Cunha, 1918; 1926).

Também advogado formado na capital pernambucana, destaca-se Antônio Godóis, intelectual que atuou ainda como poeta e historiador, tendo publicado em 1904 a obra *História do Maranhão*, em dois volumes subdivididos em três partes, tratando do Maranhão colônia, província e estado.

Igualmente se posicionando entre os autores maranhenses estão o advogado e jornalista João Parsondas, um dos pioneiros nos estudos sobre o sul do estado. Em seu artigo de 1903, intitulado *A Amazônia: do Gurupi ao Balsas*, Parsondas esmiuçou as relações políticas existentes na região (Pachêco Filho, 2011).

população de cor livre na cidade de São Luís. Dado que configurou um espaço social conflituoso, no qual o sentimento de decadência das elites acirrou a luta social pelo prestígio e a cristalização simbólica, a partir de classificações de cor, de velhas hierarquias imaginadas”.

Por fim, avulta Carlota Carvalho, pesquisadora e professora normalista, autora de *O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil* (1924) – até hoje uma importante referência para os estudos do Norte e Nordeste do país (Lima, 2021). A autora problematiza questões como a violência contra os “autóctones escravizados” por parte do colonizador português, processo revelador do quanto este “não conhecia leis de humanidade, não possuía noções de justiça e de filantropia, não sentia remorsos das crueldades que praticava” (Carvalho, 2006 [1924], p. 282).

Tais nomes, urge sublinhar, estariam em sua maioria em um contexto de vagas modernizantes abrigadas no Maranhão – representadas, entre outros acontecimentos, pela implementação do Plano Rodoviário estadual (Ferreira, 2008), direta ou indiretamente ligado à fundação, no ano de 1925, do Instituto de História e Geografia do Maranhão (IHGM), cujo primeiro presidente fora Justo Jansen. Em torno do IHGM, além da publicação de revista homônima, com 45 números lançados desde 1926, aglutinar-se-iam igualmente nomes como Domingos de Castro Perdigão, um dos pioneiros dos estudos alimentares no Maranhão (Perdigão, 1918), e Dunshee Abranches, jornalista colaborador em uma série de veículos de mídia em diversos estados brasileiros.

Para além da contribuição dos maranhenses, nosso levantamento sobre a formação do pensamento geográfico no estado à época contempla outras cinco obras de não maranhenses.

As duas primeiras são de autores que, pesquisando vastas regiões do país, abordaram também o Maranhão. O primeiro deles é o memorialista militar João Pereira Caldas, autor de *Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauí* (1900), trabalho no qual aborda, entre outras regiões, a ocupação do sul do Maranhão. O segundo é o autor de *Au Brésil – Du São Francisco a l'Amazone* (1910), o explorador francês Paul Walle, membro da Sociedade de Geografia Comercial de Paris que, no Maranhão, escreveu sobre hábitos cotidianos da população local, bem como sobre aspectos toponímicos do estado. Nesse mesmo viés assinala-se a colaboração do português Fran Paxeco, autor de *Geografia do Maranhão*, um minucioso inventário lançado em 1922.

Por fim, avultam dois artigos demonstrando o interesse econômico estadunidense pelos recursos naturais do Maranhão. O primeiro, publicado no periódico *Economic Geology*, em 1925, intitula-se “Mineral Resources of Maranhão” (Shaw; Wright; Darnell, 1925); e o segundo, lançado no ano seguinte no periódico *Geographic Review*, intitula-se “A frontier region in Brazil – Southwestern Maranhão” (Shaw; Darnell, 1926) – texto que seria relançado vinte anos depois, traduzido para o português no *Boletim Geográfico* (AGB) (Shaw; Darnell, 1946). Ambos os textos, por meio de detalhada cartografia, tratam desde aspectos da composição populacional do Maranhão até a localização de importantes jazidas minerais do estado: “Os principais depósitos minerais de interesse

consistem em ouro no noroeste, cobre em Grajaú e minério de ferro e xisto betuminoso em várias localidades espalhadas”³ (Shaw; Darnell, 1926, p. 193).

Embora a última publicação deste estado da arte seja de 1928, as obras no bojo do adensamento do saber geográfico sobre o Maranhão antecederiam a consolidação do pensamento geográfico brasileiro como um todo, caracterizada pela fundação, em 1934, do primeiro curso de geografia no país, na USP. A década de 1930 culminaria na institucionalização da geografia enquanto ciência no Brasil e marcaria um novo período para a disciplina – tanto em nível da formação socioespacial brasileira quanto no referente às distintas situações geográficas estaduais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama dos estudos sobre o território e a sociedade maranhenses entre o século XVII e os anos 1930 revela – ainda que com poucas publicações para o intervalo de tempo (42 obras) – um importante movimento anterior ao pensamento geográfico brasileiro institucionalizado.

Sendo o Maranhão um estado de ocupação colonial clássica, os primeiros documentos encontrados, entre os séculos XVII e XVIII, foram escritos a serviço da empresa colonial e de sua necessidade de reconhecer o novo território a ser ocupado e explorado. Nesse sentido prepondera o olhar dos viajantes, políticos e militares de fora do país nos relatórios administrativos, inventários e textos descritivos que compõem as seis obras localizadas.

No século XIX, como mostra a sistematização de nove obras para o período, o Maranhão conheceria um primeiro adensamento em torno do saber geográfico sobre o estado, com quatro escritos de estudiosos maranhenses. Os textos revelam a continuidade da necessidade de um maior detalhamento das dinâmicas econômica e política do território em questão, sobretudo de sua porção sul, em um contexto de também maior desenvolvimento urbano e difusão de informações cotidianas por meio de jornais. Assim, tais produções deixam clara a posição do estado na divisão territorial do trabalho, posto que trazem informações a serviço do funcionamento de um mercado internacional em expansão para as terras do “Novo Mundo”.

Na virada para o século XX ocorre um incremento relevante de 28 obras, publicadas entre 1901 e 1928. Dos livros, relatórios e artigos de periódico sistematizados, 23 materiais foram produzidos por catorze autores maranhenses, e um – pela primeira vez na história das produções geográficas do e sobre o Maranhão – por uma mulher, a única que aparece neste panorama de quatro séculos de produções anteriores à institucionalização da geografia brasileira.

Sabe-se que todo levantamento de um estado da arte é uma escolha arbitrária. Nesse sentido, obras importantes e reveladoras da situação geográfica maranhense nos contextos históricos analisados

³ Tradução livre do autor.

podem não ter sido catalogadas em nossos estudos. De toda forma, o que apresentamos aqui permite ao menos compreender a lógica das produções científicas que estava a ser construída sobre os processos espaciais do Maranhão.

Tal panorama comprova que “o processo científico está ligado a uma história e deve ser encarado, de um lado, nas suas relações com as ideologias, de outro, como prática ou como poder” (Lacoste, 2012 [1985], p. 22). As obras elencadas aqui elucidam, de certa forma, que a produção anterior à institucionalização da geografia nacional e em torno do debate sobre o território e a sociedade maranhenses esteve, em quase toda sua totalidade, atrelada à busca de um saber estratégico para subsidiar a ocupação e exploração territoriais.

Alicerçados neste panorama, afirmamos ser necessária uma agenda de pesquisa que se dedique aos estudos das obras levantadas, sobretudo a partir de análises atentas e interpretações rigorosas de seus discursos e matrizes epistemológicas, como forma de valorizar e entender a memória social e coletiva em torno das pretéritas e distintas situações geográficas maranhenses.

Se olhar para este estado da arte é entender que as condições de um determinado presente determinam as razões de ser de uma disciplina, do ponto de vista das produções geográficas contemporâneas não podemos esperar menos do que uma ciência compromissada com a superação das desigualdades que assolam o Maranhão desde a gênese de sua formação territorial.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. Capistrano. **Caminhos e antigos povoamentos do Brasil**. Fortaleza: Câmara Brasileira do Livro, 1996 [1904].
- ALBUQUERQUE, Maria; BUECKE, Jane. A educação no Brasil Colonial: revisão bibliográfica e caminhos para pesquisas na Amazônia. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 24, p. 1-29, 2020.
- ALMEIDA, Cândido Mendes. **A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as províncias do Maranhão e de Goiás**. Rio de Janeiro: Typ. Episcopal de Agostinho de Freitas Guimarães & Cia, 1852.
- AMARAL, José Ribeiro. **Limites do Maranhão com o Piauí ou a Questão da Tutóia**. São Luís: Imprensa Oficial, 1919.
- AMARAL, José Ribeiro. **O estado do Maranhão em 1896**. São Luís: Typographia Frias, 1897.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Cidade e campo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- BASÍLIO, Romário. Raimundo José de Sousa Gaioso e os 200 anos da publicação do compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão (1818): notas bibliográficas. **Outros Tempos**, São Luís, v. 15, n. 26, 2018, p. 23-48.

BERFORD, Sebastião Gomes da Silva. **Roteiro e mappa da viagem da cidade de S. Luiz do Maranhão até a corte do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1810.

BERREDO, Bernardo Pereira. **Annaes históricos do estado do Maranhão.** Lisboa: Oficina Ameno, 1749.

BETTENDORFF, João Felipe. **Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão.** Belém: Fundação Cultural Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990 [1660].

BLAKE, Augusto Sacramento. **Diccionario bibliographico brazileiro.** v. 2. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1870. p. 103.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **A Athenas equinocial:** a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

BORRALHO, José Henrique de Paula. Tradições historiográficas no Maranhão. **Outros Tempos**, São Luís, v. 1, p. 40-52, 2005.

CABRAL, Maria. **Caminhos do gado:** conquista e ocupação do sul do Maranhão. São Luís: Sioge, 1992.

CALDAS, João Pereira. Roteiro do Maranhão a Goiaz pela capitania do Piauí. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, tomo LXII, parte I, 1900.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Breve histórico do pensamento geográfico brasileiro nos séculos XIX e XX.** Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

CANTANHÊDE, Palmério de Carvalho. **Saneamento das cidades e sua aplicação à Capital do Maranhão:** relatório apresentado ao Governo do Estado. São Luís: TYP. Frias, 1902.

CARVALHO, Carlota. **O sertão:** subsídios para a história e a geografia do Brasil. Imperatriz: Ética, 2006 [1924].

CORRÊA, Alexandre Fernandes. As relações entre a etnologia e a geografia humana maranhense. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 14, n. 1, p. 88-103, 2003.

CORRÊA, Roberto L. A cidade de São Luís. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 250, p. 61-111, 1976.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** São Paulo: Martin Claret, 2002 [1902].

D'ABBEVILLE, Claude. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvisinhanças.** Tradução de Sérgio Milliet. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008 [1613].

D'EVREUX, Yves. **Suite de l'histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan, dans les années 1613 & 1614.** Paris: François Huby, 1615.

FERREIRA, Antônio José de Araújo. **Políticas territoriais e a reorganização do espaço maranhense.** 2008. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – USP, São Paulo, 2008.

FERREIRA, Justo Jansen. **Fragmentos para a corografia do Maranhão.** Maranhão: Tip. Ramos d'Almeida, 1901.

FERREIRA, Justo Jansen. O ensino da Geografia. **Revista do Norte**, São Luís, 16 jan. 1903.

FERREIRA, Justo Jansen. **A propósito da carta geográfica do Maranhão.** Maranhão: Tip. Ramos d'Almeida, 1904.

FERREIRA, Justo Jansen. **Geographia médica e Climatologia do estado do Maranhão.** Memória apresentada ao IV Congresso Médico Latino Americano. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1910.

FERREIRA, Justo Jansen. **Carta geográfica da ilha de S. Luiz do Maranhão.** [S. l.: s. n.], 1912.

FERREIRA, Justo Jansen. **A viação férrea e o Maranhão.** Maranhão: Tip. Teixeira, 1927.

FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, 1825 a 1829.** São Paulo: Edições Cultrix, 1977 [1848].

GAIOSO, Raimundo José de S. **Compêndio histórico-político dos princípios da lavoura do Maranhão.** Rio de Janeiro: Livros do Mundo Inteiro, 1970 [1818]. p. 55-59.

GATO, Matheus de Jesus. Espaço, cor e distinção social em São Luís (1850 -1888). In: BARONE, A.; RIOS, F. (org.). **Negros nas cidades brasileiras (1890 -1950).** São Paulo: Intermeios, Fapesp, 2019. p. 219-274.

GATO, Matheus. **Dialética do feitor.** Novos Estudos - CEBRAP; v. 40, n. 3, p. 533-572, 2022

GODÓIS, Antônio B. Barbosa de. **História do Maranhão.** São Luís: Ramos de Almeida, 1904.

LACOSTE, Yves. **A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 19. ed. Campinas: Papirus, 2012 [1985].

LIMA, Regina Célia Costa. **Por caminhos de terra e tinta:** a trajetória de Carlota Carvalho, uma escritora nos sertões maranhenses (séculos XIX e XX). 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

LISBOA, Frei Cristóvão de. **História dos animais e árvores do Maranhão.** Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967 [1624-1627?].

LOPES DA CUNHA, Raimundo. **O Torrão Maranhense.** Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1916.

LOPES DA CUNHA, Antônio. Pro urbe nostra. **Revista Maranhense**, São Luís, ano III, n. 25, 1918.

LOPES DA CUNHA, Antônio. A cidade de São Luiz: vestígios do passado. **Revista do Instituto de História e Geografia do Maranhão,** São Luís: Typographia Ramos de Almeida, 1926.

LOPES, José Antônio Viana. **São Luís, capital moderna e cidade colonial:** Antonio Lopes da Cunha e a Preservação do Patrimônio Cultural Ludovicense. São Luís: Aquarela, 2013.

LOPES, José Antônio Viana; RODRIGUES, Hugo Calheiros; SILVA, Paulo Henrique. **Ciência, Cidade e Poesia:** Raimundo Lopes na Pacotilha (1912 -1926). São Luís: Sete Cores, 2017.

MACHADO, João N. Sousa. **A vida nos municípios maranhenses**. São Luís: M. Silva e Filhos, 1926.

MALUF, Renato. **A expansão do capitalismo no campo**: o arroz no Maranhão. 1977. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1977.

MARQUES, César A. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-Fon & Seleta, 1970. [1870].

MEDEIROS, Marla Cristiane Araújo. **Revista Maranhense**: a ciência em revista no início do século XX. CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande/MS. **Anais** [...]. Campo Grande: [s. n.], set. 2001. 9 p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia histórica do Brasil**: capitalismo, território e periferia. São Paulo: Annablume, 2011.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes brasileiras. Rio de Janeiro: Contexto, 2014. v. 3.

MOURA, José Abranches. A Ilha de São Luís. **Geografia e História**, São Luís, n. 1, p. 21-30, 1926.

MORAES, Nascimento. **Vencidos e degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000 [1915].

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec. **Varando mundos**: navegação no Vale do rio Grajaú. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

PAXECO, Fran. **Geografia do Maranhão**. São Luís: Typogravura Teixeira, 1922.

PERDIGÃO, Domingos de Castro. **O que se deve comer**: adaptação do sistema de alimentação vegetariana para uso dos brasileiros. São Luís: J. Pires & Cia., 1918.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Lugares dos saberes: diálogos abertos. In: RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Por uma sociologia do presente**: ação, técnica e espaço. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. p. 17-28.

RIBEIRO, Francisco de Paula. Roteiro da viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goiás no ano de 1815 em serviço de S.M. Fidelíssima. **Revista Trimestral de História e Geografia**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 5-80, 1848.

RODRIGUES, Antônio Augusto. **Lições de geografia**. [S. l.: s. n.], 1875.

RODRIGUES, Marcela Franzen. Raça e criminalidade na obra de Nina Rodrigues: uma história psicossocial dos estudos raciais no Brasil do final do século XIX. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 1118-1135, 2015.

RODRIGUES, Nina Raimundo. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935 [1900].

RODRIGUES, Nina Raimundo. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935 [1905].

SANTIAGO, Clarindo. **Rumo ao sertão:** as rodovias maranhenses inauguradas pelo presidente Magalhães de Almeida. São Luís: Tipografia Almeida, 1928.

SANTOS, Milton. A formação socioespacial como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, 1977. p. 81-100.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria L. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SHAW, E. W.; WRIGHT, W. H.; DARNEll, J. L. Jr. Mineral Resources of Maranhão, Brazil. **Economic Geology**, McLean, v. 20, p. 723-728, 1925.

SHAW, E. W.; DARNEll, J. L. A frontier region in Brazil: Southwestern Maranhão. **Geographic Review**, Hoboken, v. 16, n. 2, p. 177-195, 1926.

SHAW, E. W.; DARNEll, J. L. Uma região fronteiriça no Brasil – o sudoeste do Maranhão. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 37, 1946.

SILVEIRA, María Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, São Paulo, ano IV, n. 6, p. 21-27, 1999.

SPIX, Johann B. von; MARTIUS, Carl F. P. von. **Viagem pelo norte do Brasil – 1817-1820**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981 [1828].

TAVARES, Luís Fabiano. **A Ilha e o tempo:** séculos e vidas de São Luís do Maranhão 1612-2012. São Luís: Geia, 2012.

TROVÃO, José. **O processo de ocupação do território maranhense.** São Luís: IMESC, 2008. (Cadernos IMESC, 5).

VIEIRA FILHO, Domingos. Estudos geográficos no Maranhão. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 119, p. 209-221, 1954.

WALLE, Paul. **Au Brésil:** Du São Francisco a l'Amazone. Paris: Gulmoto, 1910.

WELLS, James W. Notes of a journey from the River St. Francisco to the River Tocantins and to the City of Maranhão. **Journal of the Royal Geographical Society**, [S. I.], v. 46, p. 308-328, 1876.

WELLS, James W. **Exploring and travelling three thousands milles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão.** London: Martin Press, 1886. 2 v.

SOBRE OS AUTORES

Livia Cangiano Antipon  - Doutoranda em Geografia no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

E-mail: liviacangiano@gmail.com

Cristiano Nunes Alves  - Doutor em geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor adjunto do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e coordenador do Núcleo de Estudos em Território, Cultura e Planejamento-MARIELLE (UEMA).

E-mail: cris7cris7@yahoo.com.br

Data de submissão: 01 de setembro de 2025

Aceito para publicação: 15 de dezembro de 2025

Data de publicação: 31 de dezembro de 2025